

**A obra de Roberto Burle Marx para a cidade do Rio de Janeiro – um patrimônio cultural carioca**

Jeanice de Freitas Magina  
Arquiteta – SUBPC/SMC/PCRJ  
Especialização em Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/UFRJ  
Mestre em Urbanismo – PROURB/UFRJ

Fernando Fernandes de Mello  
Arquiteto – Gerente de Cadastro, Pesquisa e Proteção – SUBPC/SMC/PCRJ  
Mestre em Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/UFRJ  
Doutorando em Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/UFRJ

Endereço: Rua Gago Coutinho, 52, 3º andar – Laranjeiras – Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22221-070

Telefones: 2555-8448 r: 8528

e-mails: [jeanice.magina@smc.rio.rj.gov.br](mailto:jeanice.magina@smc.rio.rj.gov.br) / [fernandomello@pcrj.rj.gov.br](mailto:fernandomello@pcrj.rj.gov.br)

## **A obra de Roberto Burle Marx para a cidade do Rio de Janeiro – um patrimônio cultural carioca**

O presente trabalho faz parte das pesquisas desenvolvidas para o estudo de proteção das obras paisagísticas de Roberto Burle Marx (1909 – 1994) na cidade do Rio de Janeiro, como parte das comemorações do centenário do seu nascimento.

A pesquisa levantou, na cidade do Rio de Janeiro, mais de 200 obras paisagísticas incluindo jardins, painéis, muros e outros equipamentos formadores da paisagem. Dentre estes, destacamos alguns projetos realizados para instituições públicas, que abrangem um período de quase 50 anos de produção, iniciando com o projeto para o espaço zoobotânico do Jardim Zoológico em 1946 e terminando com o canteiro central da Rua General Glicério em 1993, um ano antes do seu falecimento. Dentre esses projetos encontram-se, além dos amplamente conhecidos, Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, no aterro do Flamengo e Praça Senador Salgado Filho, em frente ao Aeroporto Santos Dumont, alguns de menor abrangência visual como o painel interno e o muro lateral do Hospital Souza Aguiar.

A importância das obras paisagísticas de Burle Marx para as áreas públicas da cidade do Rio de Janeiro, deve-se à qualidade artística e técnica de seus projetos e à extensão territorial que abrangeram, resultando em grande impacto visual na cidade.

As grandes obras paisagísticas de Burle Marx para o Rio de Janeiro, estão associadas às importantes obras de urbanização, apresentando uma solução paisagística para os espaços públicos decorridos das intervenções urbanas, principalmente nas áreas acrescidas à cidade por aterros. No entanto também encontramos projetos para áreas já consolidadas da cidade, como as reformas do Largo do Machado e do Largo da Carioca.

Através do conhecimento dessa produção, que inclui também os projetos não executados, podemos resgatar historicamente o contato que existiu entre Burle Marx e a administração da cidade que, em vários momentos pode contar com a genialidade do artista.

O trabalho propõe-se a analisar o papel que as obras paisagísticas de Burle Marx desempenhavam na construção da cidade moderna, estudar a transformação da paisagem da cidade através delas e por fim estabelecer a necessidade de proteção desse patrimônio cultural carioca.

Palavras chaves: Burle Marx, patrimônio, paisagismo.

# **A obra de Roberto Burle Marx para a cidade do Rio de Janeiro – um patrimônio cultural carioca**

## **Introdução**

O presente trabalho faz parte das pesquisas desenvolvidas para o estudo de proteção das obras paisagísticas de Roberto Burle Marx (1909 – 1994) na cidade do Rio de Janeiro, como parte das comemorações do centenário do seu nascimento.

A iniciativa da proteção surgiu no ano de 2007, através da ABAP – Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas, que solicitou ao órgão de proteção do patrimônio cultural do município, a então SEDREPAHC, o tombamento das obras paisagísticas de Roberto Burle Marx na cidade do Rio de Janeiro.

Os estudos foram iniciados em 2007 com o levantamento bibliográfico e iconográfico a partir de fontes secundárias com o objetivo de confeccionar uma listagem de todas as obras paisagísticas de autoria de Roberto Burle Marx na cidade do Rio de Janeiro. Essa pesquisa identificou mais de 200 obras paisagísticas com autoria atribuída a Roberto Burle Marx, como jardins, painéis, muros e outros equipamentos formadores da paisagem, incluindo os projetos não executados.

Diante do grande universo de obras enumeradas, foi necessário definir etapas de trabalho e estabelecer critérios para o desenvolvimento do estudo, pois as dificuldades com que nos deparamos na elaboração das fichas de inventário foram inúmeras, dentre elas, a necessidade de acesso aos projetos originais e a inacessibilidade à maioria dos imóveis particulares.

Optou-se por usar como critério de classificação das obras, o caráter público destas, utilizando categorias como: espaços públicos da cidade, obras produzidas para órgãos públicos ou locais de acesso público. Em oposição, as obras paisagísticas com caráter privado serão abordadas numa etapa posterior do estudo. A aplicação dessas categorias possibilitou a classificação das obras paisagísticas, facilitando a tomada de decisão sobre qual o tratamento e proteção propostos mais adequados a cada uma.

Após a separação entre as obras paisagísticas de caráter público e as de caráter privado<sup>1</sup>, separou-se o que foi produzido para o município ou órgãos municipais daquilo que foi produzido para outro órgão, instituição ou empresa. A partir dessa separação foi realizada pesquisa nos acervos de plantas dos órgãos da prefeitura como Fundação Parques e Jardins e Fundação Rio Zoo, para identificar os projetos de Burle Marx produzidos para o município. Chegou-se assim a

---

<sup>1</sup> representadas em sua maioria por residências e edifícios residenciais. Duas únicas exceções são o paisagismo para a residência de Walter Moreira Salles e para a residência de Raimundo Ottoni de Castro Maya, ambas transformadas em centro cultural e museu e, portanto, consideradas como de acesso público.

uma listagem final das obras paisagísticas a serem cadastradas nesta primeira etapa de estudo. Apesar de serem uma pequena fração de todas as obras produzidas por Burle Marx para o Rio de Janeiro podem ser consideradas representativas de sua atuação na cidade pela localização, extensão ou abrangência visual.

As obras selecionadas cobrem um período de quase 50 anos de produção, iniciando com o projeto para o espaço zoobotânico do Jardim Zoológico em 1946 e terminando com o canteiro central da Rua General Glicério em 1993, um ano antes do seu falecimento. Dentre essas obras encontram-se, os amplamente conhecidos, Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, no aterro do Flamengo, Calçadão da Praia de Copacabana, e também outros de menor abrangência visual como o painel interno e o muro do Hospital Souza Aguiar.

O trabalho propõe-se a analisar qual o papel que essas obras paisagísticas desempenhavam para a cidade moderna no momento de sua proposição, analisar a transformação da paisagem da cidade através delas e por fim estabelecer a necessidade de proteção desse patrimônio cultural carioca.

Para isso abordaremos três aspectos que caracterizam a obra paisagística de caráter público produzida por Roberto Burle Marx para a cidade do Rio de Janeiro: a estética inovadora, a associação às grandes obras de urbanização e a função social.

## **A estética inovadora**

A importância dessas obras paisagísticas de caráter público para a cidade do Rio de Janeiro, deve-se primeiramente à qualidade artística e técnica de seus projetos, apresentando um caráter estético inovador, frente às concepções paisagísticas tradicionais que se apresentavam na cidade até a década de 20.

A paisagem da cidade do Rio de Janeiro até a década de 20 apresentava uma feição acentuadamente marcada pela influência francesa e as áreas livres públicas da cidade possuíam a conotação de espaços de contemplação e passeio.

O paisagismo no Rio de Janeiro foi fortemente influenciado pelas reformas urbanas empreendidas por Haussmann em Paris no final do século XIX, principalmente por Alphand, paisagista responsável pelos espaços públicos ajardinados e arborizados que representavam a modernização da capital francesa. O Rio de Janeiro, sob essa influência, adotou os padrões europeus através das reformas em suas principais áreas verdes. O primeiro parque construído no Rio de Janeiro, o Passeio Público, em 1783 com projeto de Mestre Valentim, foi remodelado em 1860 por Auguste Marie François Glaziou que projetou também a Quinta da Boa Vista em 1869 e o Campo de Santana em 1873.

Na administração Pereira Passos, de 1902 a 1906, diversas obras de embelezamento, relativas ao ajardinamento, arborização, colocação de estátuas ou monumentos esculturais foram realizadas na cidade. A arborização das ruas novas e antigas tomou igualmente grande incremento, bem como o replantio de várias espécies nos jardins públicos. Assim, grande parte da arborização frondosa que hoje ainda ostenta a cidade do Rio de Janeiro, é da época de Pereira Passos e as espécies escolhidas para a arborização, pela sombra produzida, eram de preferência: fícus benjamim, oitis, acácias, longanas e saponáceas.<sup>2</sup>

Em 1910, o Largo do Machado, a Avenida Beira Mar e o Largo da Carioca eram, por exemplo, alguns dos jardins e praças a cargo da Inspetoria de Matas, Jardins, Arborização, Caça e Pesca, que contava com 567.720 m<sup>2</sup> de área arborizada na cidade. Nessa mesma época foi construído o Jardim Terraço defronte ao edifício do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista, onde podia se encontrar busto em bronze, estatuetas, balaustrada entremeada de vasos artísticos e candelabros de iluminação.

A introdução dos jardins modernos no Rio de Janeiro está associada à construção de uma nova paisagem e estética para a cidade. Burle Marx ao intervir no espaço público rompe com a tradição paisagística existente e produz espaços que conjugam a arte plástica, a geometria e a botânica.

Nos jardins da Praia de Botafogo (1954), segundo matéria veiculada na época pela Revista Municipal de Engenharia, estava sendo introduzida uma nova prática no trabalho municipal, com a introdução de novos conceitos sobre ajardinamento e arborização, já antes aplicados a jardins particulares ou públicos de outras cidades do país. A decisão era imprimir nova orientação às soluções paisagísticas, em benefício da cidade. Buscando isso foi solicitada colaboração do paisagista Roberto Burle Marx, ao qual é atribuído o mérito de haver iniciado um movimento de revalorização e de renovação da arte de fazer jardins.<sup>3</sup>

Seu caminho de projetar jardins públicos se inicia concomitantemente a sua produção de jardins particulares e assim foi durante toda a sua trajetória profissional. O primeiro contato de Burle Marx com projeto de espaços públicos foi a partir de 1934 quando foi convidado a ser diretor de Parques e Jardins da cidade do Recife, após o governador de Pernambuco, ter visto o seu jardim desenvolvido para a Residência Schwartz em Copacabana, hoje demolida. Em sua última entrevista concedida, Burle Marx, confessou suas dúvidas a cerca de sua competência para assumir o cargo dizendo não ter experiência em preparar planos.<sup>4</sup>

Seu primeiro projeto de jardim público foi o jardim da Casa Forte, inspirado numa fotografia do jardim aquático de Kew Gardens, na Inglaterra. Seu segundo projeto foi baseado num jardim de

---

<sup>2</sup> REIS, Jose de Oliveira. REIS, José de O. O Rio de Janeiro e seus prefeitos. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1977.

<sup>3</sup> MELLO FILHO, Luiz Emygídio de. O moderno jardim da Praia de Botafogo. In: Revista Municipal de Engenharia. Prefeitura do Distrito Federal, julho-setembro, 1954.

<sup>4</sup> Entrevista concedida por Burle Marx ao arquiteto-paisagista americano Conrad Hamerman, seu representante nos EUA, e publicada em The Journal of Decorative and Propaganda Arts, n. 21, de 1995, edição temática dedicada ao Brasil. Disponível em: <[http://www.vivercidades.org.br/publicue\\_222/web/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=21&infolid=80&sid=19](http://www.vivercidades.org.br/publicue_222/web/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=21&infolid=80&sid=19)> Acesso em 11 junho de 2009 00:27:38.

cactáceas, visto na Alemanha, representando a caatinga brasileira, região tão bem descrita no livro de Euclides da Cunha, "Os Sertões". Mais tarde essa praça foi denominada pelo próprio Burle Marx de "Praça Euclides da Cunha".

Nesses primeiros projetos percebe-se a ruptura com os padrões vigentes e introdução de elementos até então inimagináveis na construção estética e simbólica de uma cidade. Segundo Macedo, a arquitetura paisagística moderna apresenta como características: o nacionalismo e a ênfase na tropicalidade do país; a simplicidade com a "proibição" do uso de elementos decorativos do passado – pitorescos e temáticos – sendo execradas as cenarizações, as topiarias e qualquer lembrança do Ecletismo recente; a geometria com o uso e abuso das formas geométricas livres, inspiradas nas temáticas da pintura da época, no qual Burle Marx foi o mestre inspirador nacional; colorida com a introdução do uso intenso de pisos multicores; e funcionalista com a determinação de áreas equipadas especialmente para o lazer, recreativo ou esportivo.<sup>5</sup> Em todos os projetos de Burle Marx podemos encontrar em alguma medida essas características.

Podemos destacar ainda uma outra característica do paisagismo moderno, referente à mudança no tempo de percepção do espaço, representada pela escala/tempo dos automóveis, principalmente nos espaços públicos. Os jardins da Praia de Botafogo, antes de ser um jardim de contemplação, está associado ao novo conceito de urbanização da cidade. Sua contemplação se daria majoritariamente por transeuntes em velocidade, com pouco tempo para desfrutar ou apreender o espaço e mais para perceber as manchas da paisagem.

Essa particularidade foi observada por Mello Filho, quando cita que Burle Marx imprimiu ao jardim uma necessidade de sucessão de grupos, cada um com caráter próprio, com uma capacidade emotiva peculiar, eliminando toda idéia de repetição de seus elementos dominantes. Visando quebrar a monotonia dos tons de verde foram propositadamente introduzidas manchas de coloridos vários.<sup>6</sup> As massas florais projetadas por Burle para os jardins da praia de Botafogo, podem ser percebidas tanto na velocidade dos carros quanto no passeio do pedestre. Essa característica é destacada por Leenhardt como distancia e contemplação. O duplo registro da visão e da experiência do corpo constitui, portanto, em seu caráter paradoxal, o próprio fundamento de uma verdadeira estética da paisagem e do jardim.<sup>7</sup>

## **As grandes obras de urbanização**

Outro aspecto da importância das obras paisagísticas de Burle Marx para a cidade do Rio de

---

<sup>5</sup> MACEDO, Silvio Soares. O paisagismo moderno brasileiro – além de Burle Marx. In: Paisagens em Debate. Revista eletrônica da área Paisagem e Ambiente, FAU / USP, outubro, 2003. Disponível em <<http://www.usp.br/fau/deprojeto/gdpa/paisagens/inicio.html>> Acesso em 11 de junho de 2009 18:45:30

<sup>6</sup> MELLO FILHO. Op. Cit.

<sup>7</sup> LEENHARDT, Jacques. O Jardim: Jogos de Artíficos. In: Leenhardt, Jacques (org.). Nos Jardins de Burle Marx. Editora Perspectiva, São Paulo, 2000, p.17-18.

Janeiro, refere-se à extensão territorial que abrangeram. Os grandes projetos paisagísticos de Burle Marx para o Rio de Janeiro, estão associados às importantes obras de urbanização, apresentando uma solução paisagística para os espaços públicos decorridos das grandes intervenções urbanas, principalmente nas áreas acrescidas à cidade por aterros.

A prática de se aterrar áreas da cidade ocorre desde os primórdios da formação do Rio de Janeiro. No início eram aterrados lagoas e charcos para se ganhar terra consolidada para o crescimento da cidade para o interior. No século XX, a partir das obras de urbanização de Pereira Passos, os aterros passaram a ocupar áreas da orla, no litoral da cidade, fazendo com que a cidade se expandisse em direção ao mar. Assim foram o Porto do Rio de Janeiro, a Avenida Beira Mar, o Aeroporto Santos Dumont, o entorno do Morro da Viúva, a Praia de Copacabana, a Lagoa Rodrigo de Freitas, a Cidade Universitária, o Aeroporto Internacional do Galeão e a Linha Vermelha com a regularização da Favela da Maré. Em todos esses espaços encontramos obras paisagísticas de Burle Marx, lembrando a todo instante a relação entre o paisagismo moderno e o desenvolvimento da cidade.

A área onde hoje se situam a Praça Senador Salgado Filho, em frente ao Aeroporto Santos Dumont, o Parque do Flamengo e os jardins da Praia de Botafogo, foi fruto de um aterro progressivo para a abertura da Avenida Beira Mar, que se iniciou durante a prefeitura de Pereira Passos. Desde o começo da Avenida Rio Branco até o fim da Praia de Botafogo, toda a faixa da Avenida foi conquistada ao mar e durante muitos anos a Avenida Beira Mar foi, segundo Reis, a mais bela via curso do mundo.<sup>8</sup> Em 1919 houve a construção da Avenida Presidente Wilson em consequência do prolongamento da Avenida Beira Mar, desde a Avenida Rio Branco até o Calabouço e de 1920 a 1922, ocorreu a construção da Avenida do Contorno do Morro da Viúva, ligando o Flamengo à Botafogo pela orla marítima, tendo sido construída na parte conquistada ao mar, na faixa de aterro da orla marítima.

A partir de 1937, a Comissão do Plano da Cidade<sup>9</sup> que havia sido restabelecida, retoma os estudos e planos urbanísticos do Prof. Alfred Agache, readaptados às novas condições da cidade. Assim ocorreu a modificação do aterro da Glória e Santa Luzia prejudicados pelo estabelecimento do Aeroporto Santos Dumont, uma obra do Governo Federal. Nesse trecho o Plano Agache foi bastante alterado, substituindo o projeto de uma densa área construída pelo aterro que seria conquistado ao mar nas décadas posteriores, dando origem ao Parque do Flamengo.

A partir da década de 50, essa extensa faixa aterrada vai começar a receber os projetos de Burle

---

<sup>8</sup> citada com ilustração fotográfica, no livro clássico de urbanismo: "The Planning of Modern City", Ed. 1923, do urbanista americano Nelson P. Lewis. In: REIS, Op.Cit.

<sup>9</sup> A primeira composição da Comissão do Plano da Cidade, criada em 1931 pelo dec. 3622, era integrada por José Mariano Filho, Arquimedes Memória, Henrique de Novais, Lucio Costa, Ângelo Bruhns e Raul Pederneiras, presidida pelo Eng. Armando Augusto de Godoi. Em 1945, a Comissão do Plano da Cidade foi transformada em Departamento de Urbanismo, subordinado à Secretaria Geral de Viação e Obras, da Prefeitura do Distrito Federal.

Marx a partir de sua aproximação com o botânico Dr. Luiz Emygídio de Mello Filho<sup>10</sup>. O primeiro foi o "park-way" da Praia de Botafogo. Iniciado em administrações anteriores foi paralisado para ser acabado sob um novo projeto de Burle Marx. Em 1954 concluem-se as obras do moderno jardim da Praia de Botafogo, de acordo com o projeto do paisagista e orientado pelo então diretor do Departamento de Parques, o Dr. Luis Emygídio de Mello Filho. Cabe ressaltar que o Departamento de Parques naquele momento era subordinado à Secretaria Geral de Viação, associando as obras de paisagismo às questões viárias da cidade.

Após o projeto da Praia de Botafogo foi executado o jardim da Praça Senador Salgado Filho, em frente ao Aeroporto Santos Dumont. Para esse jardim existia um projeto de Burle Marx, com a colaboração botânica de Mello Barreto.<sup>11</sup> Esse espaço à frente do Aeroporto Santos Dumont era a porta de entrada do Rio de Janeiro, recebendo os vôos internacionais. O projeto existente foi reformulado em suas linhas gerais, contando também com a colaboração do botânico Luis Emygídio de Mello Filho.

Na década de 60, a construção do aterro do Flamengo, foi a maior execução do governo Carlos Lacerda. OPA 7815 de urbanização da área do aterro conquistada ao mar entre o Aeroporto Santos Dumont até Botafogo modificou vários PAs anteriormente projetados. A urbanização compreendeu duas pistas de 14 m cada, separadas por refúgio central de largura variável onde foi projetado um grande parque. Foi constituída uma Comissão Especial para execução do projeto, presidida pela Sra. Lota de Macedo Soares.

O parque foi projetado por uma equipe interdisciplinar de grande prestígio, incluindo os arquitetos Affonso Eduardo Reidy, Jorge Moreira e o botânico Luiz Emygídio de Mello Filho. Foi o primeiro parque público no Rio de Janeiro a oferecer enorme variedade de equipamentos de lazer, entre eles campos de esporte, uma praia artificial, marina, museus, e outros, trazendo desta forma inovação quanto ao uso e aos significados dos parques urbanos na cidade.<sup>12</sup> Várias passarelas para pedestres foram construídas e entre estas, passagens subterrâneas para pedestres. O Parque do Flamengo constitui hoje um dos mais belos parques da cidade do Rio de Janeiro.

O projeto para a o Calçadão da Avenida Atlântica também reflete essa associação entre áreas aterradas, traçado viário e paisagismo moderno. O primeiro projeto de alinhamento da Avenida Atlântica foi aprovado no governo de Pereira Passos projetando uma faixa de 6 m pavimentada para estabelecer os limites da propriedade particular, evitando o seu avanço sobre a praia. Em toda a sua extensão, do Leme ao Posto 6, foi objeto de aterro, construindo-se muralhas e passeios. Pereira Passos já vislumbrava a importância que esta avenida teria para a imagem do

---

<sup>10</sup> Luiz Emygídio de Mello Filho era Chefe do Departamento de Botânica do Museu Nacional do Rio de Janeiro em 1950, quando conheceu Burle Marx. Em 1951, é convidado para ser Diretor de Departamento de Parques da Prefeitura do Rio de Janeiro.

<sup>11</sup> Henrique Lahmeyer de Mello Barreto era botânico, autodidata e foi Diretor do Jardim Zoológico, recentemente recriado. Para esse Zoo, propõe Roberto um projeto de caráter zoobotânico (1946).

<sup>12</sup> COSTA, Lucia. Burle Marx e o Paisagismo no Brasil Contemporâneo. In: Revista Municipal de Engenharia. Prefeitura do Distrito Federal. Edição eletrônica. Disponível em <[http://obras.rio.rj.gov.br/rmen/eletronica\\_burle/eletronica\\_html/32.htm](http://obras.rio.rj.gov.br/rmen/eletronica_burle/eletronica_html/32.htm)> Acesso em 11 de junho de 2009 17:34:23.

Rio de Janeiro, dizendo que aquele passeio constituiria no futuro um dos encantos da cidade. Em 1919, a Avenida Atlântica foi alargada em dobro e pavimentada do Leme ao Forte de Copacabana e em 1921 reconstruída devido à ressaca que a demoliu em quase toda sua extensão. Também na década de 50, foi projetado novo alargamento da Avenida Atlântica com a faixa de 18 m sobre a praia, concretizado só no final da década de 60, quando a área recebe o projeto de tratamento paisagístico de autoria de Roberto Burle Marx.

A Lagoa Rodrigo de Freitas também apresentou alterações em sua paisagem devido a obras urbanísticas. A partir de 1920 ocorreu o saneamento e embelezamento da Lagoa, obras que obedeceram aos estudos e projetos de Saturnino de Brito. Assim foi construída parte da Avenida Epitácio Pessoa, composta de duas pistas, separadas por um refúgio central arborizado e com passeios laterais. A construção dessa avenida obrigou à regularização do perímetro da Lagoa e aterro das margens baixas e partes novas. Outros aterros foram realizados ao longo dos anos no entorno da Lagoa até que ela ficasse com a feição que apresenta hoje, tendo sua orla recebido projetos de Burle Marx nas décadas de 70 e 80.

No centro da cidade, os projetos de Burle Marx para o tratamento paisagístico do Largo da Carioca e outros projetos existentes na esplanada de Santo Antonio, como os jardins dos edifícios da Petrobrás e BNDES e para a nova estação terminal dos bondes de Santa Teresa, também estão relacionados aos espaços resultantes de grandes obras urbanas, principalmente viárias. A grande esplanada de Santo Antonio foi gerada com o arrasamento de parte do Morro de Santo Antonio. As obras do desmonte do Morro, embora iniciadas anteriormente, tiveram maior incremento após 1952, tendo o Presidente Juscelino Kubitschek inaugurado a Avenida Chile em 1959. Com o volume de desmonte do Morro de Santo Antonio, foi possível continuar as obras do aterro na Praia do Flamengo, tendo sido concluídas posteriormente com areia dragada da enseada de Botafogo.

As obras paisagísticas de Burle Marx aparecem associadas com as transformações urbanas mais importantes da cidade, conjugando e associando modernidade com paisagem e arte na cidade. Todos esses projetos, além de se identificarem por estarem assentados sobre áreas de aterro, possuem outro ponto em comum: estão associados a novas formas de se apreender a paisagem da cidade. Todos incluem em sua vizinhança pistas de alta velocidade, que alteram sobremaneira a contemplação de uma obra paisagística. Embora esses espaços possuam áreas de permanência, suas matrizes estão relacionadas ao movimento, à velocidade, à fluidez, mudando também a relação com o tempo de apreensão do espaço.

## **A função social**

O terceiro aspecto refere-se à grande abrangência visual das obras de Burle Marx para a cidade,

tanto em termos de extensão quanto de abrangência de população, possibilitando a sua visualização por um grande número de pessoas. As grandes áreas livres públicas que receberam projetos de Burle Marx na cidade, concentram-se preferencialmente no centro e na zona sul e estão associadas à imagem simbólica da cidade.

Mas uma outra gama de obras está associada aos equipamentos públicos de saúde, educação e cultura, localizados em áreas não tão privilegiadas da cidade. Destacamos o paisagismo, muro e painel interno do Hospital Municipal Souza Aguiar no Centro, o paisagismo do Teatro Popular Armando Gonzaga em Marechal Hermes e o paisagismo e painel da escola do Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes, o Pedregulho, em Benfica.

Segundo Leenhardt, embora não se possa falar verdadeiramente de funcionalismo do jardim, é sem dúvida digno de nota o fato de que Burle Marx sempre tenha tido o máximo de consideração com os destinatários de suas criações. Nele, segundo Leenhardt, sentimos perfeitamente, ao lado do artista, o artesão que sabe submeter-se, não apenas, é claro, à natureza, mas também ao homem, a seu prazer e conforto. Essa atenção para com o público iria igualmente aproximá-lo dos arquitetos e urbanistas, tendo em vista que seu desejo não era apenas o de compor belos jardins para particulares, mas de trabalhar para todos e, por conseguinte, trabalhar dentro da cidade e para seus parques públicos.<sup>13</sup>

Nesse sentido, podemos analisar as obras paisagísticas de Burle Marx para cidade do Rio de Janeiro, também em seu viés funcionalista, associadas aos princípios do movimento moderno. Julgamos que, no momento da construção de um programa urbano e paisagístico moderno, a função social que o espaço de caráter público ocuparia dentro do sistema social da cidade, não poderia ser ignorado. Na década de 40, o Departamento de Parques, construiu “ringues de patinação” na Praça Almirante Julio Noronha, no Leme, no jardim do Corte do Cantagalo, na Lagoa, na Praça Corumbá, bem como quadras para jogo de “volibol”, além da instalação de 172 aparelhos de brinquedos nos diferentes “playgrounds” da cidade. Este pensamento parece ter culminado com o amplo programa de atividades propostas para o planejamento do Parque do Flamengo, onde o paisagismo de Burle Marx teve um papel fundamental na concepção final do plano. Observa-se assim nas obras de Burle Marx, o paisagismo atendendo a três funções sociais básicas: higiene, educação e arte.

Em uma entrevista concedida a Leenhardt, Burle Marx definiu um jardim como a adequação do meio ecológico às exigências naturais da civilização e que, todo o seu trabalho está alicerçado na evolução histórica e na atenção que ele dedica ao ambiente natural. Transformar a natureza e sua topografia para dar plenamente seu lugar à existência humana – lugar individual e coletivo, utilitário e recreativo.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> LEENHARDT, Op. Cit. p. 14-15

<sup>14</sup> LEENHARDT, Jacques. Paisagem, Botânica e Ecologia – Perguntas a Roberto Burle Marx. In: : Leenhardt, Jacques (org.). Nos Jardins de Burle Marx. Editora Perspectiva, São Paulo, 2000, p. 47-67.

Burle Marx transpôs para a paisagem da cidade sua visão artística e, por conseguinte, também social, na medida que, exercitando sua arte paisagística no amplo campo de exposição que é a cidade, pode contribuir para a função educativa dos espaços públicos.

## Considerações finais

Através do conhecimento da produção das obras paisagísticas de Burle Marx para a cidade do Rio de Janeiro, produção esta que inclui também os projetos não executados, podemos resgatar historicamente o contato que existiu entre Burle Marx e a administração da cidade que, em vários momentos pode contar com a genialidade do artista.

Os projetos executados alteraram de maneira significativa a paisagem da cidade e devem ser protegidos como um legado coletivo. A perenidade dessas obras está associada à qualidade extraordinária das mesmas e principalmente à marca imprimida por seu autor, criando uma indissociável ligação entre a paisagem cultural da cidade do Rio de Janeiro e Roberto Burle Marx.

Todas as suas obras podem ser consideradas como a feição final desses espaços na cidade, o projeto definitivo, representando o ideal da cidade moderna. Assim também são os projetos não executados, que demonstram uma idéia e uma intenção e, portanto, devem ser salvaguardados enquanto acervo. Todos adquiriram um inestimável significado histórico, artístico e cultural para o Rio de Janeiro, tanto pela sua filiação quanto pela intrínseca relação com a imagem da cidade. Proteger esse patrimônio constitui uma importante ação de salvaguarda do registro da formação da cidade moderna.

## Referências bibliográficas

- COSTA, Lucia. Burle Marx e o Paisagismo no Brasil Contemporâneo. In: Revista Municipal de Engenharia. Prefeitura do Distrito Federal. Edição eletrônica. Disponível em <[http://obras.rio.rj.gov.br/rmen/eletronica\\_burle/eletronica\\_html/32.htm](http://obras.rio.rj.gov.br/rmen/eletronica_burle/eletronica_html/32.htm)> Acesso em 11 de junho de 2009 17:34:23.
- HAMERMAN, Conrad. Entrevista concedida por Burle Marx. Publicada em The Journal of Decorative and Propaganda Arts, n. 21, de 1995, edição temática dedicada ao Brasil. Disponível em: <[http://www.vivercidades.org.br/publique\\_222/web/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=21&infoid=80&sid=19](http://www.vivercidades.org.br/publique_222/web/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from%5Finfo%5Findex=21&infoid=80&sid=19)> Acesso em 11 junho de 2009 00:27:38.
- LEENHARDT, Jacques. (org.). Nos Jardins de Burle Marx. Editora Perspectiva, São Paulo, 2000.
- MACEDO, Silvio Soares. O paisagismo moderno brasileiro – além de Burle Marx. In: Paisagens em Debate. Revista eletrônica da área Paisagem e Ambiente, FAU / USP, outubro, 2003. Disponível em <<http://www.usp.br/fau/deprojeto/gdpa/paisagens/inicio.html>> Acesso em 11 de junho de 2009 18:45:30
- MELLO FILHO, Luis Emygídio de. O moderno jardim da Praia de Botafogo. In: Revista Municipal de Engenharia. Prefeitura do Distrito Federal, julho-setembro, 1954.
- REIS, Jose de Oliveira. O Rio de Janeiro e seus prefeitos. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1977.